

Últimas Notícias do Gueto de Varsóvia

Depois de quatro anos de impiedosa campanha, o regime polonês conseguiu expulsar os poucos milhares de judeus sobreviventes do banho de sangue de Hitler

LAWRENCE ELLIOTT

VARSÓVIA, JANEIRO DE 1967. Os judeus estão novamente com problemas. São apenas um remanescente — talvez 25.000 dos 3.300.000 que viviam na Polônia ao iniciar-se a Segunda Guerra Mundial. Mas percebe-se no ar a proximidade de um novo ataque ao velho bode expiatório, a fim de desviar a atenção do povo polonês dos fracassos do governo. Há falta de casas, os preços disparam, a economia está paralisada. Por quê? Porque a ditadura comunista, que detém o poder, nega liberdade de ação aos técnicos e administradores.

Pelo menos, assim pensa Andrey C.*, de 30 anos, tradutor do serviço oficial de imprensa. Andrey é judeu, mas considera-se simplesmente polonês. Sua mulher é polonesa, assim como seus amigos.

* Nota do autor: Por motivos óbvios, as pessoas entrevistadas para este artigo pediram que seus nomes e mesmo certas localidades fossem dissimulados.

Ele jamais entrou numa sinagoga, nem sequer compreende iídiche. Mas ouve os ataques aos «sionistas» no noticiário da TV — e sente-se ameaçado.

PRIMAVERA DE 1967. Um departamento especial do Ministério do Interior começou a fichar todos os judeus do país. O que é um judeu? Qualquer pessoa que tenha um bisavô judeu, determina o Estado. E muitos poloneses ficam espantados ao verem seus nomes na lista. «Já encontraram os culpados», diz Stefan B., com amargura. «Agora estão procurando o crime.»

Stefan trabalha numa agência de viagens. Durante a guerra, lutou com as forças de libertação polonesas, e é o único membro da sua família que sobreviveu ao holocausto. Depois da ocupação alemã, permaneceu no Exército, ingressou no Partido Comunista e progrediu. Veio a crise anti-semita de 1960, e

Stefan, com 38 anos, foi «reformado» pelo Exército. Agora teme pelo futuro do seu emprêgo na agência de viagens.

JUNHO DE 1967. Encontraram o crime. Em seis dias de luta, Israel humilhou os clientes dos comunistas no Oriente Médio. Papagueando Moscou, líderes do Partido espumam contra os «agressores imperialistas». No dia 19, falando num congresso sindical, o Primeiro-Secretário do Partido, Wladyslaw Gomulka, adverte contra a quinta-coluna sionista na Polônia.

A verdade é que não existem sionistas, organizados ou não, na Polônia de hoje. Os judeus que se sentiam ligados a Israel emigraram para lá logo depois da guerra, ou na grande emigração de 1956-57. Os que ficaram no país tentaram assimilar-se à população. É possível que desejem paz e sucesso a Israel, mas isso é o que deseja a maioria do povo polonês, que não consegue esconder sua má vontade para com a União Soviética e suas maquinacões no Oriente Médio.

Não importa. A campanha anti-semita está em curso, e chamá-la «anti-sionista» não diminui os padecimentos de quem a sofre. Operários são obrigados a escrever ao Comitê Central, queixando-se de terem de trabalhar sob a supervisão de judeus. Líderes militares de altas patentes e funcionários do Partido com a mais remota ascendência judaica são demitidos. Corre a seguinte anedota: «Qual a diferença entre o anti-

semitismo atual e o de antes da guerra?» Resposta: «Antes da guerra, o anti-semitismo não era obrigatório.»

VERÃO DE 1967. Por ironia, na Rússia, centenas de milhares de judeus pretendem sair, mas não podem, enquanto na Polônia, onde o Estado quer expulsá-los, apenas menos de 400 foram embora. Os restantes sentem-se ligados demais à terra e ao povo polonês. Mas a pressão é incessante.

A costureira Klara C., viúva e aleijada, gastou 8.000 zlotys (cêrca de 320 dólares) para reformar uma velha oficina no prédio onde mora. Agora vem um funcionário e diz que ela não pode continuar com o negócio. Seu genro, técnico de TV, também perdeu o emprêgo. A filha diz que eles têm de partir, que na Polônia são cidadãos de segunda classe. Mas Klara pergunta: «Para onde? Quem me quer?»

INVERNO DE 1967. A loucura continua. Os que vêem nas violências apenas a mão cruel do Ministro do Interior, Mieczyslaw Moczar, notório anti-semita, não levam em conta o fato de que o «liberal» Gomulka está jogando o seu futuro político. Graves problemas econômicos afligem a Polônia, e Gomulka está mais que interessado em botar a culpa nos judeus. (Além disso, cada judeu que êle expulsa é mais um apartamento vazio e mais um emprêgo disponível.) Moczar pode ser o organizador do movimento

anti-sionista, mas Gomulka é quem o inspira — apesar de sua mulher ser judia*.

MARÇO DE 1968. Ocorrem derramamentos de sangue. No dia 8, centenas de estudantes realizaram manifestações no pátio da Universidade de Varsóvia, exigindo um mínimo de liberdades civis e a libertação de seus colegas presos. Retiravam-se pacificamente quando são súbitamente cercados pela polícia e por milicianos. São agredidos a borrachadas e dezenas são arrastados para a prisão. «Um regime comunista só conhece uma maneira de lidar com dissensões», diz Jan D., estudante de cinema. «Com cassetetes.» No dia 11, ele próprio é prêso.

O descontentamento se espalha. Greves e reuniões de protesto têm lugar em Cracow, Lublin, Lodz, e são feitas novas prisões em massa. Depois de três dias, durante os quais a imprensa nem sequer menciona os incidentes, o jornal do Partido inesperadamente publica os nomes de oito «líderes rebeldes». Sete são judeus.

No dia 19, Gomulka faz um discurso de duas horas aos militantes do Partido. Acusa os sionistas de fomentarem as desordens e informa que 1.208 deles foram presos. Final-

mente, diz aos da «linha dura» o que êstes estão ansiosos de ouvir: «Um número conhecido de judeus... está ligado intelectual e emocionalmente não à Polônia, mas a Israel. Esperamos que êsses judeus deixem o país, mais cedo ou mais tarde.» A platéia berra: «Agora!» «Imediatamente!»

JUNHO DE 1968. Jan D. — que nada tem a confessar, a não ser que seu falecido pai era judeu — está há três meses sem julgamento na Prisão Central de Interrogações. Alternadamente, é interrogado e apanha nas canelas com uma barra de aço, até não poder andar. Sua cela é no Pavilhão 12, reservado para presos políticos; seu companheiro de cela é um velho cientista de quem já se falara para o Prêmio Nobel.

Lá fora, o mundo transforma-se num pesadelo no qual tudo está de cabeça para baixo e às avessas. Jornais e TV berram contra uma quinta-coluna inexistente. A História é reescrita a fim de eliminar qualquer referência ao sofrimento dos judeus durante a guerra. Suspeitos de sionismo são demitidos e rebaixados em massa de «posições delicadas», e, nessa onda, Stefan B. é inexplicavelmente pôsto fora da agência de viagens.

* Em dezembro de 1970, após os tumultos provocados pela grave escassez de comida e pela subida dos preços, Gomulka — já sem poder atribuir tudo ao velho bode expiatório — renunciaria ignominiosamente.

JULHO DE 1968. O êxodo dos judeus poloneses transforma-se em torrente. Para os que ficam, há o esmagamento sem remorsos da vida cultural judaica. O diário iídiche

vira semanário. Escolas e clubes judeus são fechados. Embora sobreviva o Teatro Judeu, sua inspiradora, Ida Kaminska, emigrou, e os espetáculos são realizados para fileiras e fileiras de poltronas vazias.

Stefan B. decidiu partir. «Eu ficaria», diz êle, «mas meus filhos jamais terão aqui as mesmas oportunidades que os outros. Não posso aceitar isto. Acreditei na nova geração de poloneses, e êsse foi o meu êrro.»

Andrey C., o jovem tradutor, também resolve partir. Êle não está pessoalmente ameaçado — ainda. Na realidade, quando informa no trabalho que vai embora, o chefe do seu departamento diz: «Ouça, ninguém acusou *você* de nada.» Mas, como Andrey sabe muito bem, êsse mesmo homem, logo após os acontecimentos de março, substituiu seu antigo chefe, um judeu que lutara pela Polônia em duas guerras.

A situação da mulher de Andrey é pior. Quando comunica sua decisão, o chefe reage: «Mas isso não tem nada a ver com você. Você é polonesa. Se seu marido quer partir, deixe-o ir. Você fica.» «Não posso», respondeu ela. E, embora demore meses até que êles possam sair, ainda que tenha trabalhado nesse escritório durante oito anos, ela é demitida meia hora depois.

Andrey logo se dá conta de que a burocracia comunista está decidida a fazer sua partida a mais dolorosa possível. Para emigrar, todos os judeus são obrigados, em primeiro

lugar, a renunciar à cidadania polonesa. O segundo passo é solicitar visto para Israel, mesmo que a maioria não pretenda ir para êsse país. O truque permite ao govêrno afirmar que os judeus de partida são sionistas devotados, a caminho da pátria que sempre consideraram secretamente como sua.

Os vistos para Andrey e sua mulher custarão 10.000 zlotys (400 dólares), dois meses de salário de cada um. Além disso, terão de pagar a «restauração e redecação» do apartamento e reembolsar o Estado pelas despesas com a sua educação. Finalmente, os exilados devem deixar no país praticamente todos os seus bens, podendo levar 125 zlotys (cinco dólares) cada um.

DEZEMBRO DE 1968. Com os papéis finalmente em ordem, Andrey e a mulher partem numa noite gélida. Na estação de Danzig, dois de seus amigos entregam-lhes algumas frutas pela janela do vagão. Com êste último pequeno gesto, Andrey e a mulher dão-se conta, de repente, de que estão deixando a Polônia para sempre. Quando o trem arranca, êles inclinam-se desesperadamente para fora, até perderem os amigos de vista. Começam então a chorar.

ROMA, ABRIL DE 1969. Stefan e sua família estão aqui há cinco meses, esperando. Êle requereu vistos para o Canadá, mas teme que sejam recusados por causa das restrições a refugiados. Israel? «Nós

só temos uma vida», diz êle. «A minha tem sido só guerras, fugas, lutas. Eu queria um pouquinho de paz.» No dia 18, recebe a resposta canadense. Como temia, é negativa.

O Canadá é igual a tôdas as nações ocidentais. Tôdas ajudaram os refugiados, de uma maneira ou de outra, mas tôdas lhes fazem restrições, venham de onde vierem. Nos Estados Unidos, a burocracia leva meses. A França aceita somente os que possuem uma carta de chamada de parentes que já vivam no país. Para a Suécia, é mais fácil, mas há apenas um país que tem um programa especial, a Dinamarca, que durante a última guerra salvou praticamente tôda a sua população judaica levando milhares para a neutra Suécia e escondendo os demais. Nesta nova crise, a Dinamarca chega a abrir mão das seis semanas de espera para a concessão dos vistos. No dia 25, com as passagens aéreas pagas pela Sociedade Hebraica de Ajuda aos Imigrantes, Stefan e sua família chegam a Copenhague.

COPENHAGUE, AGÔSTO DE 1969. Um antigo navio canadense, o *St. Lawrence*, transformou-se em abrigo para judeus poloneses. Ancorado no pôrto, o velho navio branco abriga 350 refugiados enquanto o Comitê Dinamarquês de Refugiados (organismo privado, financiado pelo govêrno) lhes procura alojamento permanente. Diz Hanna Kaufmann, uma dinamarquesa que

ajuda os refugiados: «Em qualquer porta que se bata, o que se encontra é tragédia.»

De um lado, é um homem, os olhos escuros e tristes cheios de dor. Sua mulher, polonesa, não teve coragem de deixar a pátria e seus velhos pais. De outro, é uma jovem mulher, com duas crianças. O marido não pôde sair porque o dinheiro só dava para três vistos. Mais adiante, é a viúva de um homem que foi um dos mais eminentes professores universitários e pesquisadores da Polônia, estimado pelos alunos e admirado pelos colegas. Sumariamente demitido do cargo, perdeu até a vontade de viver, e a mulher teve de fazer sòzinha os preparativos para a partida. Agora êle morreu, e, ao fazerem o espólio, as autoridades dinamarquesas registraram solenemente o seu legado: uma bicicleta velha.

Para cuidar dessa devastação humana e a fim de assistir a outros refugiados que obtiveram asilo na Dinamarca, 11 organizações independentes, inclusive a Cruz Vermelha e as igrejas católica e protestante, coordenaram seus esforços. Arranja-se trabalho para quem pode trabalhar; os demais auferem pensões da previdência social. À chegada, todos recebem dinheiro para pequenas despesas, passes gratuitos para ônibus e bondes, e são matriculados em cursos de dinamarquês. Todos têm direito a serviço médico gratuito, escolas públicas e seguro de desemprego — como qualquer dinamarquês.

DEZEMBRO DE 1969. Na véspera de Natal, a população de Copenhague faz duas ceias festivas, uma delas a bordo do *St. Lawrence*. Os refugiados mandam um telegrama de gratidão ao Rei Frederico IX, desejando-lhe um feliz Natal, «em nome de 2.000 pessoas que pela primeira vez em 25 anos sabem o que significam liberdade e democracia». Quando chega a resposta do palácio, erguem-se para ouvi-la, e muitos choram com as palavras do rei: «Dou-lhes as boas-vindas e desejo-lhes felicidades na sua nova pátria.»

JUNHO DE 1971. A onda de refugiados diminuiu, e agora está reduzida a cinco por semana. Dos 12.000 que até aqui deixaram a Polônia, menos de 30 % foram para Israel. Cerca de 2.000 estabeleceram-se na Dinamarca, mais ou menos o mesmo número na Suécia, e os demais espalharam-se principalmente entre os Estados Unidos, Canadá, França, Noruega, Suíça e Austrália. Jamais recuperarão o que perderam — seus bens, pessoas queridas, pátria — mas a maioria trabalha arduamente numa dolorosa readaptação.

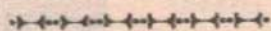
Klara C., a costureira aleijada, vive em Copenhague, num lar de velhos recentemente reformado. A filha e o genro foram para Paris,

onde ele tem melhores possibilidades de encontrar emprêgo na televisão.

Jan D., o jovem cineasta, solto depois de 18 meses de prisão, também está em Copenhague. Casou-se com uma jovem dinamarquesa e estuda na universidade. Mas a mãe e a avó continuam na Polônia.

Stefan B., que agora dirige um dos centros comunais para refugiados, diz, irônico: «Pois é, aqui estou eu, um antigo oficial do Exército comunista, ajudado a reerguer-se por uma anarquia capitalista!» Mas ele trabalha para ganhar o seu sustento e está reconstruindo a sua vida destruída.

E ASSIM termina a milenar história do judaísmo polonês. Um povo que chegou a construir uma das três maiores comunidades judaicas do mundo, reduzido a uns farrapos de gente — que só sobraram os velhos e os enfermos. Para todos os efeitos práticos, embora empregando métodos totalmente diferentes, os comunistas conseguiram o que nem Hitler conseguiu com toda a sua loucura. Para empregar a terrível expressão do próprio Führer, a Polônia está *Judenrein* — livre de judeus. Como isto aconteceu é uma mancha moral com que o actual regime polonês terá de viver durante muito tempo.



UM VISITANTE perguntou a Teddy Kollek, Prefeito de Jerusalém, qual o seu papel em relação aos problemas do Oriente Médio. «Tenho um acordo com Golda Meir», respondeu. «Eu tomo conta do lixo de Jerusalém e ela das crises do Oriente Médio.»

— Leonard Lyons